

NUNO HORTA

REALIDADE PARALELA

O rosto humano identifica o indivíduo perante o outro e perante si próprio, medeia as relações, é o que temos mais visível de uma noção de identidade. Quanto se pode dizer sobre alguém que não conhecemos, apenas pela imagem da sua cara, lendo e descobrindo a vida que está gravada na sua face? A máscara transforma essa percepção do real e projecta-nos para a dimensão do mistério. Atrás da máscara há uma pessoa que se oculta e exhibe uma identidade alternativa. Quem é? Por que se mascara? Haverá semelhanças entre o seu rosto e a máscara que ostenta? Preferiria que ela fosse o seu próprio rosto? É por vergonha que alguém se esconde ou simplesmente por que não quer ser visto? Há um lugar para uma alma oculta mesmo em frente de uma câmara? Talvez usemos todos os dias máscaras invisíveis até sermos forçados a assumi-las. O único verdadeiro desejo é aquele que não se concretiza. A beleza consome mais quem não a vê.

Imaginemos uma realidade com duas dimensões paralelas e coexistentes. Uma dessas dimensões seria simplesmente aquela em que vivemos, onde existimos como nós próprios. A segunda, uma realidade alternativa na qual todos teríamos um outro eu, uma projecção num mundo sem condicionantes de qualquer ordem, uma existência quase cinematográfica num imaginário assumidamente obscuro. Quem são as personagens que Nuno Horta cria para fotografar? E em que medida modelos e personagens podem ser um só pela imagem, num imaginário alternativo, de sonhos perturbadores?

Os trabalhos fotográficos de Nuno Horta estabelecem essa passagem. O seu olhar interpreta as pessoas que vê numa dimensão real, para depois as transfigurar. Num exercício de descoberta desse eu tenebroso, estabelece-se então uma manifestação visual de um certo apelo oculto que se aloja nos mais inacessíveis lugares da mente humana. Esta ficção artística é tão sombria quanto fulgente. A atmosfera é terrorífica, mas enigmáticamente sedutora. Onde se estabelece a fronteira? O fascínio de Nuno Horta por esta dicotomia entre o bem e mal, se assim se pode definir, é também o resultado da sua juventude rebelde, marcada por influências góticas e punk, e por uma sede latente de transgressão.

NUNO HORTA

A série White Wedding é mais uma imersão neste universo desconcertante, porém com um belo sempre presente e onde a ironia e o humor marcam também o seu espaço. Desta vez, tornando invisíveis não só os rostos mas também os corpos de dois improváveis nubentes, de uma singular cerimónia vinda de um sonho negro fotografado a branco.

O festivo retratado com ligaduras. Sorrisos de rostos não revelados. A união de dois seres estranhos, inexistentes. Cruzes e armas, karaokes de defuntos, uma criança de plástico, brindes e um cutelo.

A dança entre vida e morte satirizada pela lente.

Sérgio Currais

Maio, 2014

NUNO HORTA

PARALLEL REALITY

The human face identifies the individual to the other and before himself, mediates relationships, and is what we most acquire of a sense of identity. How can you say about someone who you do not know, just by the image of his face, reading and discovering the life that is recorded in your face? The mask transforms this perception of the real and projects it through the dimension of mystery. Behind the mask there is one person that hides himself and displays an alternate identity. Who is it? Why the Mask? There will be similarities between his face and the mask that bears? Rather it than his own face? It is for shame that someone hides, or simply does not want to be seen? There is a place for a hidden soul even in front of a camera? Maybe we all wear invisible masks all days, until we are forced to take them over. The only real desire is the one that does not materialize. The beauty consumes more who does not see it.

Imagine a reality coexisting with two parallel dimensions. One of these dimensions would be simply the one that we live in, where we exist as ourselves. The second, an alternate reality where all of us would have another one, a projection of a world without constraints of any order, an almost cinematic existence within an imaginary admittedly obscure.

Who are the characters that Nuno Horta creates for shooting? And in which way models and characters can be the same for the shoot, an alternative imaginary, disturbing dreams?

The photographic work of Nuno Horta establish this passage. His gaze interprets people who see a real dimension, then they are transfigured.

An exercise of discovering the self, then settles a visual manifestation of some hidden appeal that lodges in the most inaccessible places of the human mind. This artistic fiction is as bleak as effulgent.

The atmosphere is terrifying, but enigmatically seductive. Where it forms the border? The allure of Nuno Horta by this dichotomy between good and evil, if we may define it, is also the result of his rebellious youth, marked by gothic and punk influences, and a latent thirst for transgression.

NUNO HORTA

The White Wedding series is more an immersion in the universe perplexing, but always with the beauty present, and where the irony and humor also mark a space.

This time, making it invisible not only the faces but also the bodies of two unlikely betrothed, a singular ceremony coming from a black dream photographed in white. Festive pictured with bandages. Smiles of faces not disclosed. The union of two strangers, nonexistent beings. Crosses and guns, karaokes of deceased, a plastic child, giveaways and a cleaver.

The dance between life and death satirized by the lens.

Sérgio Currais

May, 2014